



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

## THE INVISIBLE MAN / 1933

(*O Homem Invisível*)

um filme de James Whale

**Realização:** James Whale / **Argumento:** R.C. Sherriff, segundo o romance homónimo de H.G. Wells / **Fotografia:** Arthur Edson / **Efeitos Especiais:** John P. Fulton / **Direcção Artística:** Charles D. Hall / **Música:** Charles Previn / **Montagem:** Ted Kent / **Caracterização:** Jack P. Pierce / **Intérpretes:** Claude Rains (O Homem Invisível/Jack Griffín), Gloria Stuart (Flora Cranley), William Harrigan (Dr. Kemp), Henry Travers (Dr. Cranley), Una O' Connor (Mrs. Hall), Forrester Harvey (Mr. Hall), Holmes Herbert (Chefe da Polícia), E.E. Clive (Jaffers), Dudley Digges (Chefe dos detectives), Harry Stubbs (Inspector Bird), Donald Stuart (Inspector Lane), Merle Tottenham (Milly), Walter Brennan (um ciclista), Dwight Frye (jornalista), John Carradine (o denunciante), John Merival (um rapaz), Jameson Thomas (médico).

**Produção:** Carl Laemmle, para a Universal / **Cópia:** digital, versão original com legendagem eletrónica em português, 70 minutos / **Estreia Mundial:** Roxy, Nova Iorque, em 13 de Novembro de 1933 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, em 7 de Dezembro de 1934.



Apresentando o último "monstro" da primeira fornada da Universal (após Dracula, Frankenstein e a Múmia), **The Invisible Man** será mesmo um filme de terror? James Whale parece, aqui, antecipar o percurso de Roger Corman na década de 60 com os seus filmes inspirados em Edgar Allan Poe. Recorde-se: após o miasmático e viscoso **House of Usher/A Queda da Casa Usher**, e o opressivo e sufocante **The Pit and the Pendulum/O Fosso e o Pêndulo**, Corman como que precisou de uma fuga, de um escape para as tensões acumuladas, recorrendo ao humor no melhor dos episódios de **Tales of Terror/A Maldita, o Gato e a Morte**. É evidente que James Whale já tinha feito antes **The Old Dark House**, mas este filme não pode, com justiça, integrar-se no género, pois nada de "fantástico" nele acontece, tratando-se, sim, de uma irresistível comédia negra. Já **The Invisible Man** é de outra cepa (sem menorizar a obra prima que é **The Old Dark House**) pois é um puro filme fantástico, com trucagens de grande classe, o tema da invisibilidade e a presença do sábio louco que sonha conquistar o mundo (Whale voltará a este personagem, de forma ainda mais paródica, com a figura do doutor Pretorius em **The Bride of Frankenstein/A Noiva de Frankenstein**), temas recorrentes do género, entre os quais se misturam, e por vezes tomam feição dominante, os tons de paródia e o cómico quase incontrolável (as cenas das tentativas de apanhar o "homem invisível" dentro do quarto, pelo polícia e outras testemunhas, são dignas de um burlesco de Mack Sennett).

Mas o doutor Jack Griffín não é, ainda, o alvo da paródia, sendo o mesmo tipo de personagem ambicioso e arrogante, mais tarde atormentado pelos resultados da sua ambição e fazendo o acto de contrição final como a moral, os "bons costumes", e a censura então o exigiam, ao murmurar no final à noiva "*I failed. I meddled*

*in things that man must leave alone'*. O gozo e a paródia nascem das reacções caricatas de outros personagens secundários, em particular a de Una O' Connor, genial de *non sense* desde a sua primeira aparição às reacções históricas perante a invisibilidade. A personagem de Una O' Connor acaba por funcionar como revelador da superstição dos aldeões e das suas reacções de pânico perante o que não compreendem, reagindo pelo instinto em vez da razão. A sua caricatura faz com que a personagem esteja mais perto das que o género apresenta nos anos 50 nos filmes da Hammer em que superstição e ignorância são as verdadeiras causas do atraso do saber e do avanço do conhecimento, quando nos filmes da Universal dos anos 30, a moral dominante impõe que a culpa seja atribuída à arrogância e ambição do cientista, exigindo a sua punição final face à complacência paternalista perante os estragos causados pela turba.

O projecto de **The Invisible Man** nasceu (como todos os outros "monstros" da Universal) em 1931 com o fenomenal êxito de bilheteira de **Dracula**. Robert Florey (que depois dirigiria **Murders in the Rue Morgue/O Crime da Rua Morgue**) e Richard L. Schayer sugeriram a sua adaptação a Carl Laemmle que apenas hesitou devido aos problemas técnicos que o filme levantava. Mas o sucesso de **Frankenstein**, logo a seguir, venceu as reticências. Laemmle queria utilizar a história como material para explorar a nova estrela, Boris Karloff e avançou com o filme, com James Whale na direcção. Como este não estava então disponível o projecto foi entregue a Cyril Gardner para a realização, enquanto o argumento ficava a cargo de John L. Balderston e Garrett Ford. Os contratemplos surgiram e foi indicado um novo director, E.A. Dupont (o conhecido autor de **Varietés**), mas Laemmle acabou por voltar à decisão inicial quando Whale ficou livre e aceitou o trabalho. Restava o problema do intérprete devido às divergências com Karloff por causa do salário. Considerou-se Paul Lukas (que iria trabalhar com Whale no fabuloso **A Kiss Before the Mirror/Um Beijo Defronte do Espelho**) até que Whale acabou por convencer, após um teste, a contratarem Claude Rains. A adaptação, que entretanto estava a cargo de Preston Sturges não agradou a Whale que o refez inteiramente com o amigo de longa data R.C. Sherriff (mas o humor que domina o filme não será um resquício do trabalho de Sturges?).

O principal problema que a adaptação da novela de H.G. Wells enfrentava, foi vencido quando Whale dispôs de John P. Fulton para os efeitos especiais que utilizou técnicas inovadoras que fizeram do filme um dos mais avançados do género durante muito tempo. O resultado do trabalho de Whale foi um mega-sucesso para a época. Numa só semana o filme fez 45.000 dólares. A soma presta-se a sorrisos e parece irrisória a um olhar de hoje, habituado que está a ver cifras de milhões e desfilarem perante os olhos. Mas basta saber um pouco de história e fazer as contas, para se verificar que a soma corresponde (se não é mesmo superior) à de muitos blockbusters contemporâneos. Ora façam as contas (e não estou a contar com a diferença de valor dos dólares de então para hoje): o filme estreou-se num só cinema quando hoje o número anda à volta de 2.000, tinha três sessões diárias face às quatro ou cinco que cada sala pode fazer hoje sem complementos. Multipliquem agora a receita indicada pelos números modernos e digam-me o resultado.

Singularmente, o sucesso do filme (o maior da carreira de Whale) não engendrou qualquer sequela, ao contrário dos seus ilustres antecessores. Tal como **The Mummy**, **The Invisible Man** teria de esperar por 1940 para ver uma "continuação", provocada pelo inesperado sucesso que a reposição de **Dracula** e **Frankenstein** em *double bill* alcançou. Primeiro **The Invisible Man Returns/A Volta do Homem Invisível** realizado por Joe May e depois **The Invisible Man's Revenge/A Vingança do Homem Invisível** de Ford Beebe, para além de outras variações antes de terminar, inevitavelmente, nas mãos da dupla Budd Abbott e Lou Costello. Foi também o único ignorado pela Hammer, mas alvo de uma singular versão de John Carpenter (**Memoirs of an Invisible Man/Memórias do Homem Invisível**), e de outra, mais recente, de Paul Verhoeven (**The Hollow Man/O Homem Transparente**).

Para além do humor e da categoria dos efeitos especiais o outro grande trunfo de **The Invisible Man** é Claude Rains. Este é o caso singular de um actor que se tomou popularíssimo sem ser visto, apenas ouvido. A sua voz inconfundível impõe-se a todo o filme de tal forma que acaba por exigir um rosto. E Whale termina o filme exactamente com esse plano em que se revela a face do actor, quase num jogo de curiosidades como era, em **Frankenstein**, a ocultação inicial do nome do actor que encarnava a criatura, que aparecia apenas no genérico final.

Manuel Cintra Ferreira